



FOLHA INFORMATIVA N.º 20-2011

A PESCA DE ARRASTO PARA TERRA (ARTE) NA PRAIA DE VIEIRA DE LEIRIA, EM IMAGENS

De acordo com o que nos é explicado no sítio de internet da Praia de Mira, http://praia-de-mira.com/?page=arte_xavega, o termo *xávega* deriva do árabe *xabaka*, que significa rede. O termo *xávega* é usado tanto para definir rede para pesca de arrasto, como o próprio barco (de fundo chato) que transporta a rede para o lanço. Pescar não é uma arte. Pescar serve-se de artes. A denominação de Artes (de Xávega) é por isso usada para se referir ao ofício da pesca de cerco de arrasto para terra, tradicional.

Na Praia de Vieira de Leiria continuam a praticar-se as Artes todos os verões, entre Junho/Julho e Setembro. Esta praia faz parte da freguesia de Vieira de Leiria, no concelho da Marinha Grande. É um sítio que vale visitar, uma estância balnear, no qual as antigas casas de madeira dos pescadores - os chamados palheiros - praticamente desapareceram, para dar lugar a hotéis, moradias e condomínios, tal como se encontram em toda a costa Portuguesa.

Aproveitando a imagem das fachadas tradicionais dos antigos palheiros, foi construído um aparthotel na praia da Vieira, cuja concepção arquitectónica apresenta interesse turístico. Será porventura o sítio mais interessante para se conhecer.

Aproveitando também a maneira tradicional de cozinhar, própria dos pescadores, corre hoje em Portugal uma campanha para eleger o *arroz de marisco* - à maneira da Praia de Vieira de Leiria - como uma das maravilhas gastronómicas nacionais.

Na avenida marginal construída em calçada portuguesa, encontram-se motivos marítimos.

No entanto, o que mais atrai os visitantes é a actividade da pesca de cerco de arrasto para terra. Nos meses de Verão já identificados, a praia enche-se de actividade, com a presença de três barcos *meia-lua*, típicos dos pescadores da Arte - *o mais belo barco do mundo*, como alguém diz. Cada qual à vez se faz ao mar, lança as suas redes de acordo com as técnicas ancestrais da Arte e depois recolhem-nas em terra, de acordo com outro ritual ancestral (auxiliado por tractores), normalmente na presença de muitos populares. A operação finda com a recolha do pescado e a sua venda, quer a mercadores, quer na pequena lota da praia.

É dessa faina que esta Folha Informativa dá conta, somente em imagens, como convite a visitarem aquele simbólico e icónico local.

UM DIA DE FAINA NA PRAIA DE VIEIRA DE LEIRIA



A chegada à Praia de Vieira de Leiria, feita a partir de Vieira de Leiria, com um barco meia-lua (o Viking II) na rotunda de acesso. O barco meia-lua está assente numa concha, ou vieira.



A chegada à Praia de Vieira de Leiria, também com um barco meia-lua (o *Rio Liz*) na rotunda de chegada, a dar as boas-vindas ao visitante.



O barco meia-lua *Rio Liz* – símbolo maior da Arte – dá-nos as boas-vindas à chegada à praia.



A visita ao aparthotel é quase obrigatória, para se perceber o bom gosto arquitectónico, inspirado em fachadas típicas das antigas casas dos pescadores – os míticos *Palheiros* (hoje desaparecidos).



Um pormenor do aparthotel da Praia de Vieira de Leiria.



Outro pormenor do aparthotel da Praia de Vieira de Leiria.



À chegada à praia somos surpreendidos com um areal cheio de actividade dos pescadores da Arte.



O barco meia-lua *Deus Te Salve*, registado na capitania da Nazaré. Este barco está já assente no reboque que o há-de levar ao mar. Junto a ele encontram-se as redes de arrasto, quase prontas para a pescaria.



Remendando as redes



O barco meia-lua *Viking*, homónimo do que se encontra na rotunda de Vieira de Leiria. As cores das pinturas respeitam as que antigamente se usavam. À ré, o barco exhibe um corte e uma protecção, apropriadas para acomodar e proteger o motor da embarcação.



O *Viking* a ser transportado para o mar.



O *Viking* a entrar no mar. O processo mecânico substituiu a componente ancestral de tracção humana e animal.



A entrada do *Viking* no mar. Os remos têm presença obrigatória e vão sempre naquela posição. A corda que está visível fixa no areal uma das extremidades da rede de arrasto para terra.



O Viking afasta-se para lançar as redes, percorrendo um círculo e fechando o cardume na armadilha.



O início do processo de lançamento das redes.



O início do processo de recolha das redes, na praia. Esta parte não dispensa a força e a experiência humanas. O processo cultural está sempre presente.



Continuação do processo de recolha das redes. O trabalho coordenado em equipa é essencial.



À medida que vão sendo recolhidas, as redes vão sendo atadas para as manter unidas. Estão assim a ser já preparadas para a recolha por meios mecânicos, mais acima na praia.



Estes pescadores recolhem uma das alas da rede. A outra ala situa-se à direita. Na extremidade da rede, mas ainda no rebentamento, encontra-se o *saco* onde o peixe vem aprisionado.



Na praia, mais acima, as duas alas da rede são puxadas em simultâneo. Os populares acorrem, por hábito e instinto, em grande número. Tentam quase sempre ajudar os pescadores e sentem a pescaria como se fosse também obra sua. A psicologia social e a antropologia ajudam a explicar o fenómeno – afinal parece que todos somos assim, mesmo que venhamos das cidades e nada saibamos da Arte.



Os meios mecânicos são uma componente essencial da companhia.



O tractor tem um dispositivo exterior ligado ao motor que facilita a recolha das redes e as prepara para serem acondicionadas num pequeno reboque, prontas para serem preparadas para a fase seguinte da companhia.



Uma imagem característica: - os pescadores a içarem a rede pela força de braços, a máquina que aguarda, e os veraneantes que assistem muito atentos.



Detalhe significativo das engrenagens acopladas à parte de trás do tractor e que facilitam o processo da recolha das redes.



Entretanto, junto à rebentação, a faina da recolha das redes continua.



Quando o saco com o pescado está quase visível, a rede é atada.



O saco com o pescado chegou á praia e os populares não resistem – aproximam-se e querem ver o resultado da pescaria.



A irresistível atracção...



Todos querem ver, mesmo que a quantidade não seja farta, como desta vez.



O produto do trabalho da pesca.



O cuidado posto no trabalho de derrenredar algum peixe preso.



Uma táinha, que constará de um dos vários pratos típicos da rica gastronomia local.



Nem todos puderam aproveitar o resultado da pescaria.



Uma bóia sinalizadora, no areal: sinal que aquela faina terminou.



O início da fase de comercialização.



A preparação do peixe para colocação nas bancas da lota.



Conversas...



Observando o pescado e preparando a venda...



Sardinha fresca...



Eh freguês!



E a vida continua, no mar da *Praia da Vieira*

SÍNTESE DA FOLHA INFORMATIVA

A pesca de cerco de arrasto para terra (Artes) na Praia de Vieira de Leiria

Estamos em pleno Verão e nesta altura os pescadores da Praia de Vieira de Leiria, como em outros locais do litoral central Português, lançam as suas redes ao mar, continuando uma prática centenária que remonta aos seus antepassados. É esta a altura ideal para pescar, dado que o mar assim o permite. Passada esta “autorização”, o mar fecha-se de novo, ávaro, e não permite que ninguém se atreva a desafιά-lo para praticar a pesca.

No passado, foram estas as principais razões que levaram os pescadores da Praia de Vieira de Leiria a procurar no Tejo o peixe que o mar lhes negava durante quase todo o ano – daí as migrações, em meados do século dezanove, que estiveram na origem da fixação dos pescadores da Vieira no rio Tejo, e mais tarde no Sado.

Hoje continuam na Praia de Vieira de Leiria a praticar a xávega, ou Arte, nos meses de Verão. Dessa actividade tão característica vos demos conta nesta Folha Informativa, composta exclusivamente de imagens de um dia de pesca.

Esta Folha serve como um tributo aos homens do mar, aos “mais pobres dos pobres”, como os considerava Raúl Brandão, e oferece-nos uma perspectiva do que poderemos assistir naquela Praia se a quisermos visitar no Verão.